

...CAPÍTULO 1.2

O IDEAL DE ALIANÇA

“Solidários, seremos união. Separados uns dos outros seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos.”

– Bezerra de Menezes

O CENTRO ESPÍRITA

(do Livro *Dramas da Obsessão*)

Bezerra de Menezes

Um Centro Espírita onde as vibrações dos seus frequentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitosas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e depreciações; onde, em vez do gargalhar divertido, se pratique a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos se emitam forças telepáticas à procura de inspirações felizes; e ainda onde, em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais; um Centro Espírita assim, fiel observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia Espírita, será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registrados no Além-Túmulo como casas beneficentes, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências Espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas, serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do espiritismo em horas de lazer.

COMENTÁRIOS SOBRE A INTEGRAÇÃO À ALIANÇA

Compreende-se a Aliança como um ideal: o ideal de vivência evangélica à luz do espiritismo.

Logo, deduzimos ser a integração de um grupo a esse nobre ideal algo subjetivo que não pode ser medido por compromissos firmados ou “marcas de conformidade”.

Os meios são oferecidos por meio de CINCO programas básicos:

- 1) Escola de Aprendizes do Evangelho
- 2) Curso de Médiuns
- 3) Assistência Espiritual segundo os métodos padronizados
- 4) Evangelização Infantil
- 5) Mocidade Espírita

Conclui-se que todo e qualquer grupo Espírita que anseie pelo ideal de vivência do Evangelho e lance mão dos recursos acima apontados é naturalmente integrado à Aliança, independentemente de qualquer processamento burocrático.

Entretanto, diante das solicitações feitas por Casas Espíritas, na AGI (Assembléia de Grupos Integrados) de 8/12/1978, foram traçados procedimentos básicos salientando-se a preocupação de atender aos pedidos sem enterrar o progresso.

Estas condições se justificam porque a Aliança, devido à sua especificidade de ação, não pode incluir em seus quadros grupos possuidores de modos de pensar e agir doutrinariamente diferentes e em desacordo com as exigências da evangelização.

No que se refere ao uso do nome da Aliança em placas exteriores, envelopes, cartas e documentos outros, próprios da vida administrativa interna das Casas Espíritas, decidiu-se, como medida prudente, a não utilização. O ideal de Aliança se transubstancia na própria vida do Centro Espírita, seus programas e trabalhos; por outro lado, a cessão de uma “legenda” ou “marca” daria margem a um indesejável sistema de fiscalização, além de dificultar o progresso nas tramitações burocráticas.

O FATOR HUMANO

O trabalho em Aliança sempre é lembrado pelos seus programas e atividades padronizados, que devem ser seguidos, com disciplina e dedicação por parte de todos em favor de um objetivo comum. Porém, o que a maioria de nós sempre deve lembrar, é que existem fatores que são maiores do que programas, regras, critérios e diretrizes. O valor principal e diferencial é o ser humano.

Devemos tudo fazer e compreender a partir da perspectiva das pessoas. São por meio de nossas experiências com os programas, trabalhos e atividades em favor do bem ao próximo que as vivências se fazem presentes. São por intermédio de sentimentos compartilhados com pessoas que fazemos os verdadeiros valores da Aliança acontecer.

Segundo nossa missão e ideal, o foco está na evangelização do Ser (crianças, jovens e adultos), independentemente de condições físicas, financeiras, de localização, compreensão e tantas outras particularidades. São estes fatores, que fazem com que vivenciemos realmente os valores e sentimentos que nos levam ao nosso maior propósito.

A Aliança possui uma lista de valores, mas eles não seriam vivenciados se não tivéssemos pessoas buscando suas melhorias e encontrando nas Casas Espíritas os caminhos e oportunidades que as levam à reflexão, percepção e crescimento interior. Tanto para os frequentadores da Casa Espírita como para seus colaboradores, o que sempre determina o sucesso do trabalho é a valorização das pessoas.

Nesta vivência de valores compartilhados com demais companheiros aparecem diferenças entre todos, mas ao mesmo tempo conseguimos buscar semelhanças, que, se não forem de personalidade, serão de sentimentos em favor de um propósito.

O ser humano se sente livre para fazer coisas e compartilhar ideias e sentimentos em ambientes onde se sinta acolhido e seguro. É preciso fazer com que os valores cristãos estejam presentes em cada atividade, em cada trabalho, em cada evento realizado pela Casa Espírita. Não devemos nunca deixar que a dureza de palavras, os julgamentos, regras, dias ruins, atrapalhem o nosso acolhimento dos que chegam à Casa Espírita. Oferecer

o melhor para todos, seja isto, um sorriso sincero, uma orientação, um abraço, uma simples presença, faz toda a diferença.

A Fraternidade que deve existir nos guia para além das Casas Espíritas. Afinal, aplicar tudo em que acreditamos, sem sermos mecânicos, faz com que vejamos que mais vale termos pessoas felizes, compreendendo os ensinamentos de Cristo para viver no mundo. Chegamos num momento em que a educação, controlar os ímpetos, excessos e ter bom tratamento com o próximo, serão fatores diferenciais em favor da nossa tarefa de evangelizar o ser. O nosso exemplo e a preocupação com o bem estar das pessoas trará o entendimento dos ensinamentos e a melhor assimilação dos nossos programas padronizados.

Estes são os verdadeiros valores da Aliança. Valorizar o homem em seu processo de evolução e compartilhar sentimentos com o próximo. O fator Humano faz com que o que fazemos hoje, seja em favor de nós mesmos, numa troca de sentimentos, numa aproximação para vermos que não estamos sozinhos. A cada dia, todos estejam mais próximos uns dos outros.

Valorizar pessoas é valorizar os objetivos da Aliança. Que possamos sempre nos lembrar disto.

CONVERSANDO...

O Trevo – Julho/1979

Thirzah Riether

Conversando com um irmão, ele nos dizia que o nosso jornal não citava Kardec e que isto era motivo de muitas críticas ao nosso trabalho na Aliança Espírita Evangélica, havendo mesmo os que dizem que não somos Espíritas e outros tantos que não somos kardecistas.

A título de esclarecimento, vamos tentar explicar o que pensamos e sentimos a respeito.

O espiritismo é a Doutrina que Kardec codificou. Antes de Kardec não existia este nome. Desde Kardec até os nossos dias, esta Doutrina é a mesma, tendo mudado apenas a nossa profundidade de entendimento, pois à medida que vamos crescendo em conhecimentos, vamos entendendo-a melhor.

Quando, pois, nos dizemos “Espíritas” vemos que seria pleonasmos acrescentar a esta designação o qualificativo de kardecistas, desde que só

entendemos espiritismo com Kardec. Se dissermos “Espírita kardecista”, estamos admitindo uma outra forma de espiritismo que, ao nosso entender, não pode existir. Portanto, quando pusemos na nossa Aliança o nome de Aliança Espírita Evangélica, estávamos proclamando a todos que somos seguidores fiéis do grande mestre lionês que nos trouxe a maneira certa de revivermos os ensinamentos de Jesus.

Repetimos, pois: Espírita, na nossa compreensão, é quem segue a maneira clara e concisa de entender e praticar o Evangelho, trazido ante nós pela codificação kardequiana. Fora disso não há espiritismo.

Ora, entendendo espiritismo desta maneira, preocupamo-nos em “viver” a nossa Doutrina procurando seguir as instruções de Kardec que nos disse que se conheceria o Espírita pela sua transformação moral.

Detemo-nos, pois, no trabalho da transformação moral, na Reforma Íntima, e vamos buscar base para esta transformação no conhecimento que vamos adquirindo nas Escolas de Evangelho.

Kardec pôs no frontispício dos livros da codificação três palavras: Trabalho – Solidariedade – Tolerância. Atenta ao alerta do codificador, a Aliança Espírita Evangélica cria, a cada dia, novas frentes de trabalho, incentivando em todos os seus componentes, o espírito de solidariedade, abrindo creches, albergues, lares-escola, caravanas de evangelização e auxílio, Centros Espíritas com assistência espiritual intensa e, no setor da tolerância, estamos todos nos esforçando para vivermos em paz com aqueles que não pensam como nós.

Perguntaríamos aos queridos irmãos: Que vale mais? – Falar em Kardec ou viver o que Kardec nos ensinou?

Quando o Aprendiz das Escolas de Evangelho vai desenvolver um tema sobre humildade, recebe como fonte de consulta a indicação do capítulo VII do *Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, mas o Aprendiz vai falar sobre humildade e não sobre Kardec.

Se Jesus nos diz que pelo fruto se conhece a árvore, pedimos aos que nos combatem que venham provar os frutos de nossa árvore. A nossa consciência nos diz que se Kardec aqui estivesse, neste momento, muito se alegraria em ver as formiguinhas operosas da Aliança Espírita Evangélica na sua costumeira atividade diária, exemplificando por toda parte onde andam e levantando bem alto o nome da nossa Doutrina bem amada.

NORMAS PARA INTEGRAÇÃO À ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA

1. A presente normatização visa esclarecer e ampliar a definição de Grupo Integrado (GI), conforme disposto no artigo 9º, Cap. II, do novo Estatutos da AEE.

2. Sendo a Aliança um ideal de vivência evangélica, compreende-se integrado à mesma todo Grupo que abraçar tal ideal; entretanto, para objetivar claramente esta disposição, são oferecidos os programas básicos (que estão apresentados neste livro):

- 2.1 Escola de Aprendizes do Evangelho
- 2.2 Curso de Médiuns
- 2.3 Assistência Espiritual padronizada
- 2.4 Evangelização Infantil
- 2.5 Mocidade Espírita

Assim, os grupos que cumprem estes programas básicos estariam naturalmente integrados, podendo formalizar a integração por solicitação de inscrição na AEE, por intermédio de suas Regionais, ficando na condição de Grupo Inscrito (GC), por, no mínimo, 12 meses, período em que deverá participar ativamente das reuniões, encontros e atividades da Aliança, para após requerer sua integração.

No que tange à inscrição, o mesmo procedimento deverá ser seguido por grupos que, mesmo não atendendo aos programas básicos, anseiem por isso, desde que os programas praticados não os contradigam.

3. Temos assim três definições para os grupos:

- 3.1 Grupo Integrado – GI
- 3.2 Grupo Inscrito – GC
- 3.3 Grupos da Aliança – GA, compostos por GI mais GC

4. Os direitos e obrigações dos Grupos Inscritos e Integrados são iguais, exceto, pelas restrições intrínsecas nas definições.

5. A admissão do Grupo Integrado deverá ser feita na Assembleia de Grupos Integrados – AGI, por meio de solicitação da respectiva Regional.

6. Deixará a condição de GI o grupo que, mesmo atendendo aos programas básicos não participar das reuniões regionais, a critério das mesmas, e da AGI; abre-se exceção, quanto à presença à AGI, para os

grupos distantes (fora do Estado de São Paulo), que podem justificar sua ausência por meio de correspondência, antecipada, à secretaria da AEE. O Centro Espírita que deixar a condição de GI pelos motivos expressos neste artigo, poderá permanecer como GC, se manifestar este desejo.

7. A solicitação de inscrição deverá ser dirigida ao Coordenador da Regional e à secretaria da AEE, acompanhada de cópias dos Estatutos e da Ata de reunião da diretoria do Centro Espírita em que se aprovou o pedido de inscrição à AEE.

8. Os casos omissos serão analisados na seguinte ordem: pelas Regionais, pelo Conselho de Grupos Integrados (CGI) e pela AGI.

Esclarecimento

Quanto às especificidades, como direito a voto, não há necessidade de detalhamento, pois o estatuto prevê que para isso o Grupo seja “Integrado”.

DESCENTRALIZAÇÃO DA ALIANÇA

Ata da assembleia geral dos grupos integrados
da Aliança Espírita Evangélica

Realizada no dia 16 de janeiro de 1988, às 10h, à Rua Genebra, 172, conforme convocação por carta, para discutir os assuntos da convocação. A direção esteve a cargo de Jacques André Conchon e secretariada por mim, Dulcinéa Acuña. Assuntos tratados e resoluções tomadas: 1) Aprovação dos Estatutos da Aliança Espírita Evangélica – Inicialmente foi feita a leitura das proposições para os estatutos, sendo que, ao final da leitura, não havendo nenhuma objeção, os estatutos foram aprovados por unanimidade; 2) Regionais – As regionais estão divididas em: Regional Capital; Regional ABC; Regional Vale do Paraíba; Regional Litoral e Regional Araraquara. Foi proposta a votação para eleição do Conselho formado de 15 representantes dos Grupos eleitos (um titular e um suplente) e mais 5 (cinco) coordenadores regionais (também um titular e um suplente), por meio de convocação a todos os Grupos Integrados para eleição por carta e 3) 15º aniversário da Aliança e 5ª Reunião Geral – Foi deixado em aberto para que os presentes expressassem suas opiniões e ideias.

Durante as discussões, surgiram 4 (quatro) temas centrais: Lembrando as origens; Descentralização e responsabilidade; Importância das reciclagens e Reforma Íntima. Quanto à forma da reunião, cada regional fará sua reunião no dia 20 de novembro de 1988 com programação a critério da Regional, e uma reunião geral no dia 11 de dezembro de 1988. Para esta reunião os grupos desenvolverão temas de acordo com os já propostos até o dia 9 de setembro de 1988, quando remeterão à Secretaria da Aliança. As hospedagens ficarão a cargo dos Grupos da Capital, o que deverá ser feito mediante sorteio. Cada grupo participará com dois representantes. Sem mais assuntos a tratar, a reunião foi encerrada às 12h do mesmo dia, sendo assinada por mim, Dulcinéa Acuña e pelos demais presentes.

A FUNÇÃO DO COORDENADOR DE REGIONAL⁴

1. O QUE É COORDENAR?

- Tarefa de harmonizar as várias atividades de uma entidade;
 - Significa resumir todas as funções administrativas;
 - Requer atos oficiais de regulamentação.
- (segundo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

2. DEVERES DO COORDENADOR

- A) Ser membro integrante da FDJ;
- b) Conhecer plenamente os objetivos e programa da Aliança, enfim, toda sua estrutura e funcionamento;
- c) Possuir experiência como diretor de algum Grupo Integrado, já ter dirigido EAE ou Curso de Médiuns e ser trabalhador atuante de alguma Casa Espírita;
- d) Conhecer todos os Grupos Integrados da Regional que coordena;
- e) Manter cadastro de todos os Grupos Integrados da Regional e também os meios de fácil comunicação com esses grupos;
- f) Representar todos os Grupos Integrados nas reuniões do Conselho e nas reuniões entre os Coordenadores de Regionais;

⁴ Trabalho elaborado pela Regional do Vale do Paraíba e Litoral Norte, aprovado pelo Conselho de Grupos Integrados, em julho de 1993, e atualizado para a 5ª edição deste livro.

g) Representar a Aliança perante os Grupos Integrados da sua Regional;

h) Realizar as visitas definidas na AGI do ano anterior;

i) Liderar os movimentos da Regional no sentido de manter sempre integrados e bem informados todos os Grupos Integrados dessa Regional e promover sua expansão;

j) Participar ativamente de cursos, encontros, reuniões do Conselho de Grupos Integrados e da Reunião Geral da Aliança;

l) Estar sempre atento, a fim de de manter a fidelidade aos princípios da Aliança, na Regional que coordena;

m) promover reuniões periódicas com os Grupos Integrados para que o Ideal de Aliança fique fortalecido (no mínimo, duas reuniões por ano, com maior frequência segundo critério e necessidades próprios de cada Regional);

n) o coordenador deve ser um elemento capaz de dar bons exemplos, não se deixar absorver por detalhes, ser amigo de todos, ter sociabilidade, ser conciliador, elemento capaz de admitir, abertamente, seus erros e procurar manter a ordem, em qualquer atividade que dirija.

3. COMPOSIÇÃO DA COORDENADORIA DA REGIONAL

Além do Coordenador da Regional, que responde diretamente pelo trabalho desenvolvido, a coordenação deve estar aberta à cooperação de auxiliares e colaboradores diversos, no sentido de dividir tarefas e proporcionar maior participação a todos. As tarefas de Secretaria devem ser assumidas por pessoas organizadas e responsáveis, principalmente quanto às tarefas de comunicação com os Grupos.

O Coordenador Geral será eleito por maioria simples (50% + 1), em votação dos Grupos Integrados (Grupos Inscritos podem participar, mas sem direito a voto).

Os postos de auxiliares, secretários e colaboradores poderão ser indicados pelo Coordenador ou votados pelos Grupos Integrados da Regional.

Nota: Com tratamento diferenciado ficaram as Casas Espíritas no Exterior; uma vez que necessitam de apoio específico, não estão ligadas

a uma regional e sim diretamente à secretaria da AEE, com acompanhamento do Grupo de trabalho de Apoio ao Exterior.

VIVÊNCIA DO ESPIRITISMO RELIGIOSO

Valentim Lorenzetti

Ainda hoje, quando se fala em Centro Espírita, muita gente pensa num casarão escuro, onde se faz “sessão Espírita”, dentro de um ambiente lúgubre. Muitos Centros Espíritas não abrem as portas para o público, e só recebem amigos e conhecidos. Muitos daqueles que abrem as portas não oferecem nenhum programa a quem os busca: apenas o passe se repete sempre, ou a sessão de “mesa”, onde as pessoas sentam-se ao redor de uma mesa para “receber Espíritos” e uma plateia curiosa fica à escuta daquilo que os Espíritos dizem. Ou, ainda, ficam a ouvir palestras, sem nenhum compromisso de renovação.

São atitudes ultrapassadas que, no entanto, são adotadas por pessoas de muito boa vontade. Pessoas que deixam de estudar a Doutrina Espírita e deixam tudo para os “Espíritos” resolverem. Na realidade, um Centro Espírita deve ser um lugar de estudo e vivência do cristianismo e do espiritismo, onde os interessados devem encontrar um programa sistematizado de esclarecimento e assistência espiritual.

A **Aliança Espírita Evangélica** é um ideal consubstanciado num programa, que visa promover o espiritismo no seu aspecto religioso. Está à disposição dos Centros Espíritas ou de qualquer grupo de Espíritas que queiram fundar um Centro Espírita. Não é um movimento federativo, nem tem pretensão de filiar ninguém; os grupos Espíritas que adotam o programa são simplesmente considerados “grupos integrados”.

Este livro: *Vivência do Espiritismo Religioso* tem por finalidade colaborar com a proposta acima mencionada, ao apresentar os programas e a experiência desenvolvida ao longo da existência do Ideal de Aliança.

RECICLAGENS

O QUE É RECICLAGEM

No dizer de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, **reciclagem** é atualização pedagógica, cultural, técnica, etc., para se obterem melhores resultados. Repetição de uma operação sobre uma substância com o fim de melhorar propriedades ou aumentar o rendimento da operação global.

Trazendo para o contexto da Aliança Espírita Evangélica, reciclagem é a programação desenvolvida nos Grupos Integrados, com a participação de todos os trabalhadores, que proporciona a estes a oportunidade de revisar e atualizar conceitos, ampliar sua integração com as atividades desenvolvidas no Centro Espírita e melhorar sua capacitação para o trabalho, de modo a obterem-se melhores resultados.

QUAIS SÃO SUAS FINALIDADES

Conforme as definições já mencionadas anteriormente, a reciclagem destina-se à melhoria dos resultados de todas as atividades e trabalhos no Centro Espírita, por meio do aperfeiçoamento das condições individuais de seus trabalhadores.

COMO SE ESTRUTURA

REUNIÕES

O programa da Reciclagem é constituído de reuniões periódicas (preferencialmente, semanais ou mensais), sobre oito assuntos previamente estabelecidos, concernentes aos trabalhos desenvolvidos num Grupo da Aliança, na forma de seminários, com duas horas de duração cada reunião, perfazendo uma carga horária total de dezesseis horas, que devem ser cumpridas em prazo não inferior a oito semanas.

DIREÇÃO

As reciclagens deverão ser dirigidas por um coordenador, escolhido livremente entre os trabalhadores mais ativos do Centro Espírita.

PARTICIPANTES

Devem participar, obrigatoriamente, todos os trabalhadores do Grupo da Aliança.

ROTEIRO

A sequência de atividades durante uma reunião não é rígida, sugerindo-se que seja composta de, no mínimo, os seguintes itens:

- a) Elevação progressiva e prece de abertura (sugerida a Prece dos Aprendizes) = 10 minutos.
- b) Recados e avisos pertinentes às atividades gerais do Centro Espírita = 10 minutos.
- c) Abordagem de tema de moral evangélica, exemplo de comportamento defensivo ou ainda, debates sobre virtudes ou defeitos escolhidos pelos participantes; o diálogo entre eles poderá, preferencialmente, ser na forma de Exercício de Vida Plena; deve ser estimulado o uso da Caderneta Pessoal por todos os participantes, para anotações referentes ao tema. Duração = 50 minutos.
- d) Seminário específico sobre o assunto da Programação, de forma a estimular a livre participação e a postura de autoavaliação e aperfeiçoamento dos trabalhos = 50 minutos.
- e) Vibrações Coletivas e Prece de Encerramento = 10 minutos.

Notas:

- 1) Os itens (c) e (d) podem ter sua ordem invertida.
- 2) É permitido que o Exercício de Vida Plena (item c) seja realizado em reuniões específicas do quadro de trabalhadores do Grupo da Aliança

Programa

O Programa está dividido em oito assuntos, previamente estabelecidos, que dizem respeito às atividades normalmente praticadas num Grupo da Aliança.

PROGRAMAÇÃO

Tema	Assunto
1	Reforma Íntima
2	Aplicação do Passe
3	Atividades complementares da Assistência Espiritual (recepção, encaminhamento, preleções, etc.)
4	Curso de Médiuns; Grupos Mediúnicos
5	Escola de Aprendizes do Evangelho
6	Integração das atividades de Infância e Juventude no Centro Espírita
7	Expositores (da Escola de Aprendizes, do Curso de Médiuns, da Mocidade, da preleção da Assistência Espiritual)
8	Serviço social Espírita

RECICLAR É PRECISO

O Trevo 170 – abril/1988

Azamar B. Trindade

(...) Sentimos que a Aliança Espírita Evangélica está numa fase de transição, ou melhor, numa fase de pré-adaptação aos seus novos Estatutos, à descentralização havida, à regionalização estabelecida, à simplificação estatutária já aprovada, conforme O Trevo vem publicando.

Isto tudo acrescido à nova fase de incremento ao nosso crescimento, ao nosso esforço de expansão, à nossa disposição de maior aperfeiçoamento, o que tem de ser realizado sem descuido da coesão, uniformização, padronização, sem pieguismo, sem personalismo e sem elitismo. Achamos que as reciclagens podem nos ajudar muito em tudo isto.

(...) Achamos que as nossas reciclagens são imprescindíveis se quisermos crescer como um todo.

Não podemos confundir reciclagem com revisão.

Conforme o Dicionário Aurélio: “*Reciclagem é atualização pedagógica, cultural, etc., para se obterem melhores resultados. Repetição de uma operação sobre uma substância com o fim de melhorar propriedades ou aumentar o rendimento de uma operação global*”.

“Revisão é ato ou efeito de rever, novo exame, nova leitura, nova análise de uma lei ou decreto com o fim de reformar, retificar ou anular. Técnica, ato ou efeito de rever, revisar. Inspeção.”

Atentemos bem: nas nossas reciclagens nós não queremos reformar nada, retificar nada, anular nada, inspecionar nada. Antes, pelo contrário, queremos tão-somente aperfeiçoar, melhorar, recordar o que nós já adquirimos, o que nós já sabemos, nos atualizando, eliminando monotonias, rotinas, desânimos, aumentando a confraternização, companheirismo de maneira sadia, sem elitismo, nivelando todos, sem exceções de qualquer natureza, todos como humildes e sinceros servidores de Jesus Cristo.

(...) Reciclagens são perenes. Revisões têm aceção de serem eventuais ou esporádicas.

(...) Encontramos as origens e o amparo para realizarmos e enaltecermos nossas reciclagens na obediência à Lei Divina da Evolução. Evoluirmos é um imperativo divino, universal. Os seres humanos não podem evoluir se não se autoexaminarem. Reciclagem, na Aliança Espírita Evangélica é um autoexame coletivo em nosso ambiente religioso.

Encontramos apoio para valorizarmos nossas reciclagens na insistente recomendação de nosso querido e divino mestre, Jesus Cristo: “Orai e vigiai”. Reciclar-nos é vigiar.

(...) Encontramos razão para fazermos nossas reciclagens no postulado da Doutrina Espírita: “Espíritas, amai-vos e instrui-vos!” Reciclar-nos é reinstruir-nos!

RGA – REUNIÃO GERAL DA ALIANÇA

O QUE É A REUNIÃO GERAL DA ALIANÇA

A Reunião Geral da Aliança é um encontro anual entre todos os participantes dos Grupos da Aliança.

QUAIS SÃO SEUS OBJETIVOS

O objetivo da Reunião Geral da Aliança é promover a “Vivência do Espiritismo Religioso”, o ideal da Aliança, conseqüentemente, o seu programa de trabalho, por meio da troca de experiências da fraternização.

Sendo a Aliança constituída pela adesão de grupos a um mesmo ideal, que se concretiza num mesmo programa de atividades, a participação na RGA é indicativo básico de que o grupo é integrante da Aliança, que está ligado, interessado, compromissado com este ideal.

COMO SE ESTRUTURA

ORGANIZAÇÃO

A organização da RGA está a cargo da Diretoria Executiva da Aliança, que institui a Equipe Organizadora da RGA. A programação da RGA está sob a orientação do Conselho de Grupos Integrados.

LOCAL

As reuniões não são restritas a um local específico. O local escolhido deve acomodar, física e espiritualmente a reunião, atendendo aos seus objetivos. Todos os anos, a definição do local está a cargo da Equipe Organizadora da RGA.

ABERTURA DA REUNIÃO

O Trevo 71 – Janeiro/1980

Edgard Armond

Companheiros e irmãos.

Desde quando nos reunimos, nesta mesma data, o ano passado, para fraternizar e ajustar melhor nossas atividades como trabalhadores do Cristo, e traçarmos mais amplas diretrizes de trabalho dentro das finalidades e programas desta Aliança; revigorar nossas forças e assegurar a execução mais perfeita de nossas edificantes tarefas; e voltando a nos encontrar hoje, podemos notar que, neste curto período de tempo, o mundo prosseguiu rapidamente pelos mesmos caminhos da violência, da desagregação social e familiar, com evidente e sistemático desamor por parte de indivíduos e de coletividades, frontalmente contrários à fraternidade cristã que cultuamos e defendemos.

De cada vez que nos reunimos reforçamos nossas decisões de aprimorar atividades no campo social, retemperar nossas energias morais para nos tornarmos, dia por dia, mais capazes de efetivar e tornar vitoriosa a tarefa santa que nos cabe realizar como trabalhadores cristãos, servidores da humanidade e humildes discípulos daquele que por nós morreu na cruz infamante e nos legou o código moral mais perfeito que existe e que por si só basta para a redenção do gênero humano no ponto em que está.

Todos nós, que lutamos pela difusão desses ensinamentos, que resistem ao tempo e se tornam cada dia mais oportunos e benéficos para as multidões de infelizes de necessitados que enchem o mundo, devemos permanecer inabaláveis em nossas tarefas e no esforço de exemplificação, como semeadores de sementes fecundas de fé, de esperança, de bondade e de perdão, que são alimento e vida para todos.

Os sentimentos de humildade e confiança nos poderes do alto e a lealdade e compreensão que existem entre nós, são as forças que nos amparam na luta pela vitória da Aliança, que é a vitória do nosso próprio ideal doutrinário e evolutivo. Porque cada um de nós tem sua parte pessoal na responsabilidade global pela sustentação estrutural e funcional da Aliança, que é o sentido mais alto, e a garantia mais sólida de nossa união

com Jesus e, ao mesmo tempo, o elemento mais probante de nossa capacidade realizadora na conquista de uma vida melhor e mais feliz amanhã, porque a Aliança é o palco terreno que recebe e glorifica o nosso esforço e o transforma em luzes e bênçãos nos caminhos do nosso futuro espiritual.

AS VIVÊNCIAS DA ALIANÇA

O Trevo 413 – Dezembro/2009

Eduardo Miyashiro

A 2º Reunião Geral da Aliança teve seu ponto alto na plenária de encerramento. Todos saíram motivadíssimos pelos novos horizontes que se abriam olhos brilhando e corações pulsando diante das novas atividades que se multiplicavam. Era um “furacão” de ideias, projetos, grupos de trabalho, viagens, melhoramentos nos programas, etc. O ritmo criativo dos seis primeiros anos de Aliança precisava ser registrado. Precisávamos superar o desafio de evitar que se perdessem experiências valiosíssimas, naquele imenso caudal de vivências que fluíam pelos novos trabalhos. Assim, com o senso de realização que não repousa nas conquistas do passado, mas abre novos caminhos, a Editora Aliança lançou, há exatos 30 anos, naquela RGA de dezembro de 1979, o livro “Vivência do Espiritismo Religioso”.

A importância do livro para a Aliança Espírita Evangélica ficou clara desde o início. Alguém da região amazônica perguntou o que é a Aliança? Um companheiro mudou-se de São Paulo para Belém e quer abrir um novo Centro Espírita? Um grupo de Araraquara deseja abrir um trabalho para o qual ainda lhe falta experiência? Surgiu a necessidade de formar dirigentes para uma nova frente de trabalho? Agora, a “Vivência” estava ali, para ser consultado, estudado, enviado pelo Correio, comprada nas livrarias...

A nossa Aliança não teria sua feição tão característica de trabalho de equipe, voltada para a expansão do Bem por meio de projetos da Espiritualidade Superior, sem o dinamismo desse valioso “manual da Aliança”.

Adotamos programas e práticas padronizadas apenas por uma razão clara e singela: isso viabiliza a ajuda mútua entre pessoas e Casas Espíritas. Evitamos o personalismo, pois o trabalho é de dever e conquista de todos.

O espírito de colaboração é estimulado, novas lideranças surgem a todo o momento e a dinâmica da Aliança possibilita que os padrões evoluam, sem que a essência se perca. Esse é o maior desafio para a manutenção da “Vivência do Espiritismo Religioso”. A primeira edição possuía menos descrições objetivas e mais relatos de vivências. Devemos preservar maior compromisso com a essência do que com a forma. Os padrões mudam, o intelecto ajuda a racionalizar as coisas, porém a essência é mais do que a soma do que se faz e do que se pensa. SER é a combinação de sentimentos, pensamentos, diálogos e ações.

O valor da “Vivência” não está nas fórmulas, tabelas, modelos, formulários. Está no repositório de vivências que construiu todo um modelo de trabalho colaborativo, voltado para a multiplicação da mensagem do bem eterno, em toda a parte. Portanto, não nos escravizemos à letra do livro, e sim vivenciemos o espírito contido nas experiências ali relatadas. Por isso, definimos o livro “Vivência do Espiritismo Religioso” como a reunião de experiências e programas que permite multiplicar o ideal de Aliança. E consideramos que um de nossos maiores desafios é exercitar a sabedoria de distinguir os valores mutáveis dos imutáveis, trabalhando incansavelmente para desenvolver os primeiros e defender os últimos, com lucidez e inspiração do Alto.